

MEMÓRIA CAMPINEIRA (28)

UM MISSIONÁRIO METODISTA EM CAMPINAS (1839)

O Rev. Daniel P. Kidder, missionário metodista enviado ao Brasil pela Sociedade Bíblica Americana com o objetivo de fazer aqui a propaganda das Escrituras Sagradas, viajou por grande parte do país, no período da Regência. Homem culto, e de trato afável, grangeou inúmeras simpatias entre nós e foi muito bem sucedido em sua missão. De volta ao seu país, publicou, em 1845, o relato de sua viagem no livro **Sketches of Residence and Travels in Brazil**. Bem mais tarde, seu livro foi revisto e ampliado pelo seu compatriota James C. Fletcher, também missionário (da Igreja Presbiteriana), e nesta nova forma, intitulada **Brazil and Brazilians** (1857), foi, durante longo tempo, a obra sobre o Brasil mais divulgada nos Estados Unidos. Kidder visitou Campinas em 1839 e o trecho que transcrevemos é de seu livro original, intitulado, na edição brasileira, **Reminiscências de viagem e permanência no Brasil** (trad. de Moacyr N. Vasconcelos, São Paulo, Editora Martins, 1940, "Biblioteca Histórica Brasileira", v. 3). O texto ocorre às págs. 217 a 219.

"Por volta de uma hora da tarde chegamos à vila de São Carlos, onde fomos cordialmente recebidos e hospedados por um cavalheiro ao qual levamos cartas de apresentação. A povoação está situada no início de uma vasta série de planícies que se projetam para o interior. O caminho pelo qual viemos do litoral só dava passagem para animais, mas, a partir desse lugar, podia-se viajar em carruagem por cerca de trezentas milhas.

Pela sua posição, o lugar tornou-se ponto de encontro das tropas que levam açúcar para o litoral e de lá trazem sal e outros artigos. **Aí viaam-se** diretamente animais carregando e descarregando. À medida que **esvaziavam** os jacás onde transportavam os sacos de sal, eram postos de lado como imprestáveis. Sobre eles caíam então os garotos em animada disputa a fim de empilhá-los, e, à noite, ver qual deles fazia a fogueira mais alta. Essa competição não constituía o único divertimento em São Carlos. O Largo, ou a praça principal da cidade, servia de campo de exercício militar. A segurança de todo o país havia sido recentemente ameaçada pelas desordens ocorridas em Vila Franca. Tinha-se, portanto, tornado necessário preparar novos defensores da ordem para futuras eventualidades. O destacamento da localidade era constituído por cerca de vinte homens e meninos, alguns de botas altas e roupa de algodão, outros vestidos com mais simplicidade, em resumo, dificilmente havia dois fardados e

equipados da mesma maneira. Quando formavam para a instrução que lhes era diariamente ministrada por algum subalterno do exército, sua aparência bastava para evidenciar sua fraqueza. Seriam muito mais poderosos se montados à maneira do país, armados de pistolas e facas de ponta, pendentes da cinta, para trás, e, portanto, em muito melhores condições de sufocar qualquer movimento, que presos às regras da disciplina.

Conquanto aparentasse mais vida e energia em vários setores comerciais que diversas outras cidades do mesmo porte, ainda assim reclamam que São Carlos passa, de vez em quando, por períodos bem difíceis. Certo comerciante septuagenário com quem tivemos ocasião de conversar, lamentou seriamente a instituição do sistema de crédito por meio do qual pessoas sem capital podiam estragar o negócio dos que dispunham de recursos próprios. Suspirou pelos áureos tempos de D. João VI, quando circulavam livremente barras de outro tão grandes, que com elas se podiam quebrar nozes! Mas agora, nem prata se via; nada mais a não ser notas depreciadas e patações de cobre.

A nosso ver, o lugar foi inutilmente sacrificado com a substituição de seu bonito e adequado nome de Campinas. Conquanto apreciemos a denominação São Carlos, tanto quanto o nome de qualquer outro santo, não nos podemos conformar com o sistema de denominar os lugares, imposto aos brasileiros pelo clericalismo, a despeito de seu bom gosto e melhor critério. Se a sonoridade, o significado e a variedade são atributos desejáveis em nomes próprios, será então difícil exceder, nessas qualidades, as denominações dos rios, das montanhas e dos lugares, tanto na América do Norte como na do Sul. Além disso, a língua portuguesa, não menos que a inglesa, está repleta de nomes bonitos e sonoros. Entretanto, se pretender abandonar e aniquilar tudo isso, adotando, ao contrário, denominações tomadas ao acaso, dos dicionários ou do catálogo dos santos, é necessário que, se possível, se faça ver aos responsáveis o ultraje que isso representa ao bom gosto.

*
* *
*